

## Dimensões alteritárias da Ebola no Brasil: um estudo na revista Veja<sup>1</sup>

*Alterity dimensions of Ebola in Brazil: a study in the Veja Magazine*

Lassana Danfá<sup>2</sup>

Renata Lira dos Santos Aléssio<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo analisar, numa perspectiva psicossocial, como a imprensa aborda e constrói a noção do risco, sobre o Ebola. Propomos discutir como as formas de falar dessa epidemia podem estar atreladas às dimensões alteritárias. A amostra foi composta por cinco matérias encontradas no acervo eletrônico da revista semanal Veja, no período compreendido entre março de 2014 e fevereiro de 2015, tendo sido utilizado o descritor “ebola”. Utilizamos como método a análise de conteúdo com foco no eixo semântico (sentidos) e sintático (forma). Os resultados apontam 4 eixos de construção de sentidos: a metáfora da companhia militar para demonstrar o combate do homem contra um vírus potencialmente destrutivo; a alteridade radical, colocando o outro africano como “estranho e “poluente”; o distanciamento, em que o vírus Ebola é colocado como problema inerentemente africano e por último a ideia da infra-humanização, colocando as qualidades do africano como sub-humanas.

**Palavras-chave:** ebola; África; alteridade; risco; africano.

**ABSTRACT:** This study aims to analyze, from a psychosocial perspective, how the press builds and deals with the concept of risk of the Ebola outbreak. We propose to discuss how the ways of speaking about this epidemic can be linked to the dimensions of alterity. The sample consisted of five articles found in the electronic collection of the weekly magazine Veja, in the period between March 2014 and February 2015, using the descriptor "Ebola". As method of data analysis it was used the content analysis, focusing the semantic axis (direction) and the syntactic axis (shape). The analysis reveals four categories: the metaphor of the military company to demonstrate man's struggle against a potentially destructive virus; radical alterity, placing the African as “strange” and “pollutant”; the place occupied by the Ebola, which is far away from the west and as a looming problem of Africa; and finally the idea of infra-humanization, putting the african qualities as subhuman.

**Keywords:** ebola; Africa; alterity; risk; african.

### Introdução

É inegável o papel das mídias na construção do senso comum. No domínio médico-científico, por exemplo, o modo como a mídia constrói a noção de risco se dá por vezes através da dramatização ou do emprego de metáforas que assemelham um determinado fenômeno a outros males, incitando medo, pânico e pavor. As mídias podem ainda construir a percepção de um risco tido como distante enquanto próximo a determinadas pessoas e grupos sociais (Joffe, 2005), o que pode gerar preconceito, estigma e discriminação com relação às pessoas acometidas por um determinado “mal”. Assim, transforma a ameaça, como algo que pertence exclusivamente ao outro-distante, em mais próxima, palpável, real ou concreta. Segundo Joffe (2005), a leitura do risco é motivada não pela necessidade de ter

---

<sup>1</sup> Financiamento: CAPES.

<sup>2</sup> Mestre e Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco – Recife, PE, Brasil. E-mail: delassanadanfa@hotmail.com.

<sup>3</sup> Professora Adjunta do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco - Recife, PE, Brasil.

informações claras, mas pela necessidade da proteção psicológica em relação àquele que é compreendido como perigoso. Por esta razão, em alguns casos, a motivação de ver ou de representar o risco se deve à necessidade da proteção identitária.

As representações sociais desempenham um papel de extrema importância no jogo alteritário, uma vez que circulam no espaço público e favorecem a comunicação intersubjetiva (Jovchelovitch, 2002), fundamental para constituição da nossa identidade subjetiva. A alteridade para Jodelet (2002) é o resultado de duplo processo. De um lado a construção, e do outro lado, a exclusão. Ou seja, pela alteridade, aliando-se ao outro, a identidade é construída, ao mesmo tempo em que é ameaçada pela relação eu-outro. Este último processo tem a relação com a alteridade na sua forma radical, em que a diferença se limita na essência negativa (Jodelet, 2005). Chamamos de dinâmica alteritária os processos de categorização social que organizam a construção e a exclusão da identidade, descritos por Jodelet (2002).

É importante ressaltar que o poder das mídias na elaboração de respostas aos riscos reside não só no que ela transmite, mas também na sua interação permanente com a experiência pessoal e o posicionamento estrutural dos leitores e telespectadores (Joffe & Haarhoff, 2002). Assim, os sujeitos se posicionam também, pois eles escolhem as mídias susceptíveis de confirmar as suas próprias crenças, ao invés de confrontar opiniões e crenças contraditórias (Mccombs & Shaw, 1972; Kitzinger, 1998 citado por Joffe & Haarhoff, 2002).

A subestimação e superestimação têm sido objetos de estudo da amplificação social do risco. A amplificação combina aspectos relacionados à percepção do risco e o campo comunicacional (meios de amplificação) relacionada a este. Os fenômenos da subestimação e superestimação interagem com os aspectos psicológicos, sociais, institucionais ou culturais que amplificam ou atenuam a consciência do risco (Joffe, 2005).

A palavra “ebola” é precedida de artigo feminino para caracterizar a doença e de artigo masculino para caracterizar o seu vírus transmissor. Observamos que é uma doença praticamente ausente nos países ocidentais, mas constantemente levada ao conhecimento das pessoas. No Ocidente, ela acarreta ameaça à saúde em termos abstratos. Contudo, com a crescente cobertura das mídias, a ebola tem chegado à consciência das pessoas de forma mais concreta. Em uma sociedade de risco, conforme nos ensina Beck (2011), nos deparamos com uma infinidade de riscos distantes que passamos a conhecer e ficamos conscientes por intermédio das mídias (Joffe & Haarhoff, 2002). E quando se trata da África, acreditamos que a chance de incitar preconceito, estigma ou discriminação é maior, uma vez que o continente é comumente rotulado pelo Brasil e pelo Ocidente como problemático, repleto de mazelas sociais, principalmente fome e doenças como aids, ebola e malária (Rodrigues, 2012).

Os estudos da ebola, na imprensa britânica, conduzidos por Joffe e Haarhoff (2002), demonstram que os jornais analisados localizam o vírus do Ebola, ora generalizando a África, ora especificando o local da sua origem. As principais causas referenciadas no estudo em questão centraram-se na ingestão de carne de macaco e no déficit de cuidados da saúde. As causas atribuídas com menor frequência foram a pobreza, a poluição, os ambientes florestais e os rituais tribais. Essa ligação da doença atribuída à relação do homem com o macaco pode não tratar de uma simples descrição da origem da enfermidade. Quando se trata de explicar a origem de doenças na África, como a aids, por exemplo, os povos africanos são frequentemente vinculados à animalidade, barbárie e subumanidade, pelo fato

dessas doenças serem atreladas à interação homem-animal. Essa vinculação pode assim incitar ou expressar formas de racismo. Aliás, Rodrigues (2012) considera que o fato do vírus causador da ebola ter origem africana não provocou nenhum espanto, visto que existe o hábito de atribuir aos africanos à responsabilidade da introdução das doenças epidêmicas ou endêmicas no Ocidente. O autor salienta que o tráfico de escravos continua sendo visto pelos acadêmicos da medicina brasileira como causa de muitos males e doenças que acometiam os brasileiros. Dito de outra forma, o passado histórico da escravidão fez com que alguns intelectuais médicos brasileiros associassem as doenças e outros males do Brasil ao continente africano.

Por sua vez, Oliva (2005) considera que vários autores partilham o imaginário composto por estereótipos e notícias que circulam no Brasil sobre a África. Os estereótipos descritos pelo autor são: cenas do tráfico e escravidão, conflitos e guerras, as epidemias e a fome, a miséria, a desorganização generalizada e a natureza exótica. O autor destaca o papel desempenhado pela mídia escrita na perpetuação do conjunto das imagens que constituem este imaginário acerca da África.

De acordo com Müller (2012), a imprensa brasileira é responsável por colocar em silêncio o racismo, fazendo perpetuar os estereótipos negativos que depreciam cada vez mais os negros, associando-os a trabalhos, atos ilícitos e comportamentos bárbaros. O racismo brasileiro se apresenta sob diversas formas, como por exemplo, a negação, isto é, negando a existência do racismo, mesmo na sua forma moderna de expressão, exceto quando ela aparece de forma inequívoca nas notícias. Por conseguinte, a luta contra o racismo deve colocar a imprensa brasileira no cerne da questão, isto porque a mídia brasileira é extremamente racista (Sodré, 1998).

Em recente artigo, Simoneau e Oliveira (2014) traçam um panorama dos estudos sobre representações sociais (RS) e mídia no Brasil. As pesquisas nesta área têm se concentrado nas relações entre normas e práticas na comunicação, relação com o receptor, processos constitutivos de RS através da comunicação, compreensão dos fenômenos sociais, popularização científica e estratégias midiáticas. No caso das estratégias, o estudo demonstra que, ainda que se digam neutras, as mídias vêm acompanhadas de uma interpretação ou visão do mundo. Assim, nosso trabalho procura compreender a construção da ebola como um fenômeno social midiático a partir de uma dinâmica alteritária, perspectiva que aparece pouco explorada no âmbito dos estudos em representações sociais e mídias.

O presente trabalho visou, a partir de uma abordagem exploratória, apreender as formas de construção da ebola na revista *Veja* à luz da teoria das representações sociais. Buscamos compreender como a mídia tem incitado a noção de risco numa dinâmica alteritária, isto é, se a construção do “risco-ebola” revela processos de categorização social com relação ao sujeito e ao continente africano.

## **Método**

### ***Procedimentos de coleta***

Foi realizada uma pesquisa no acervo digital da revista *Veja* a partir do descritor “ebola” no período compreendido entre março de 2014 a fevereiro de 2015. Escolhemos a

Veja por ser uma revista semanal brasileira de grande repercussão e tiragem nacional. A escolha deste período deve-se ao fato de estar em cena o maior surto da história do vírus. Foram encontradas e analisadas as cinco matérias disponíveis no acervo digital da referida revista.

### **Análise de dados**

O conteúdo das matérias foi analisado de forma a identificar indicadores de cosmovisões, valores, preconceitos e discriminações produzidas nos textos pesquisados (Bauer, 2012). Cada matéria foi analisada a partir dos eixos sintático e semântico. O primeiro refere-se às formas de expressão, isto é, ao modo como os textos são escritos, ditos ou apresentados (uso de metáforas, analogias ou numerais, por exemplo). O segundo, por sua vez, diz respeito aos sentidos conotativos e denotativos, referindo-se às avaliações e significados expressos em um dado texto. Da articulação entre os dois eixos são explicitadas as lógicas subjacentes de construção de sentidos.

### **Resultados e discussão**

O objetivo deste trabalho foi estudar o tratamento dado pela imprensa em relação ao risco, tomando como exemplo a ebola, investigando ainda se as formas de se falar da epidemia podem estar atreladas às dimensões alteritárias. Da articulação entre a análise sintática e semântica, vimos emergir quatro eixos de produção de sentidos sobre a ebola: (1) a metáfora da campanha militar, (2) a concepção de uma alteridade radical sobre o africano, (3) o distanciamento do risco e (4) a infra-humanização do africano.

Essas formas de dar sentido à doença e à epidemia já foram descritas na literatura em psicologia social sobre a relação entre doenças e o “outro”. A metáfora da guerra foi utilizada primeiramente por Sontag (2012) para discutir a emergência de um universo simbólico em torno da aids, ligado ao combate de um inimigo. O conceito de alteridade radical é elaborado por Jodelet (2002, 2005) ao afirmar que o processo de construção da alteridade comporta, por vezes, o tratamento ao outro como estranho e diferente, se limitando a elementos negativos, como acontece nos casos de racismo. O distanciamento é uma forma de representação da doença que aparece sempre atrelada a outros, distantes de nós (Herzlich & Pierret, 2005). E, por fim, a infra-humanização traduz o tratamento ofensivo do exogrupo, tido como dotado de essência que o torna “menos humano” (Demoulin et al., 2005). Discutimos cada um desses eixos, apresentando exemplos empíricos para ilustrar nossa interpretação.

### **Metáfora da campanha militar**

Podemos observar no conjunto das matérias publicadas a presença de metáforas que remetem à ideia do combate ou batalha de humanos contra vírus. Do ponto de vista semântico, vimos emergir a imagem da “guerra biológica” como uma construção de significados atribuídos à ebola. Os títulos das matérias são dramáticos e utilizam um estilo que cria um clima de receio, medo e combate: “Libéria trata o Ebola a bala”; “O Maior Surto do Vírus Mais Mortal”; “Medo chegou”; “Vírus do pânico” e “Rápido e letal”. Por exemplo, a matéria com título “*Rápido e Letal*” mostra um panorama do Ebola desde sua origem até os

dias atuais, enfatizando os locais, associando a disseminação à luta pela sobrevivência, à guerra bioquímica ou à guerra dos seres humanos com o vírus, voltando a ideia do enfretamento da doença como luta da “campanha militar”: “apesar da agressividade, é improvável que ele saia vitorioso no embate com o homem. Do ponto de vista evolutivo, trata-se de um vírus burro” (matéria Rápido e Letal) ou ainda: “nós vivemos em uma constante competição evolucionária com os micróbios. E não há garantia de que seremos nós os sobreviventes” (matéria Rápido e Letal).

Segundo a primeira matéria, comparado às outras doenças como gripe e aids, o Ebola não tem a mesma capacidade de transmissão, sendo por isto mais limitado e “burro”. Trata-se de uma forma de transmissão que se dá apenas no período de incubação. Neste sentido, é construída uma ideia de que o vírus tem uma personalidade ou uma vida própria, conforme a expressão “mudança de comportamento do vírus”, utilizada na matéria “O maior surto do vírus mais mortal”. O Ebola aparece assim como um “inimigo” a ser combatido, que possui características peculiares: “o Ebola é um inimigo invisível, voraz, contra o qual não temos defesa – a não ser a estreita vigilância”.

A ebola, assim como a aids, quebrou a ideia da medicina como metáfora da “campanha militar” (Sontag, 2012) que remete à vitória final, isto é, a ideia da medicina ser eficaz em “derrotar” as doenças. O advento das duas doenças na mesma década (anos setenta) demonstra que as doenças infecciosas estão longe de serem derrotadas definitivamente, uma vez que não existe a cura para as duas até então. A utilização da metáfora da guerra gera um clima de tensão da possível catástrofe através de uma destruição em massa, como na matéria “O maior surto do vírus mais mortal”. A metáfora da guerra é observada neste trecho da matéria: “em seus primeiros contatos com o homem, ele tende a ser mais agressivo, porque o sistema imunológico de sua presa não o reconhece”.

Para ilustrar a letalidade são utilizados números e numerais que explicitam dados estatísticos. São argumentos valorizados socialmente por acrescentar a autoridade da exatidão e revelar em certa medida a dimensão do controle: “Na pior epidemia de ebola desde a sua descoberta, em 1976, até sexta-feira passada, 8376 pessoas foram contaminadas e 4024 morreram” (matéria O medo chegou). A dimensão alarmista da construção do risco aparece na ideia de um futuro incerto e duvidoso: “com quase 1800 casos e 970 mortes, a atual epidemia de ebola na África assusta até os analistas mais pessimistas” (matéria O maior surto do vírus mais mortal).

A utilização repetida de números e numerais ajuda a concretizar ou a objetivar de forma mais palpável o risco, incitando assim um medo. A objetivação aparece aqui com a função de domesticar uma realidade distante, tornando-a cada vez mais próxima. Outra forma de objetivação do risco se traduz pela ilustração por imagens que remetam à guerra biológica ou a cenários de ficção científica. Nestas imagens, podemos observar pessoas que utilizam vestimentas próprias para proteção em casos de riscos bioquímicos.

Focalizam assim a ideia do desastre ou da catástrofe remetendo, por exemplo, às tragédias, como as causadas por acidentes nucleares. Outra forma de incitar a noção de adversário é observada na imagem superdimensionada do vírus causador da ebola que aparece com tamanho de uma pessoa.

Este cenário de guerra é diferentemente ilustrado na matéria “Libéria trata o ebola à bala”. A imagem que ilustra a reportagem reforça um contexto de guerra, porém, desta vez,

contra a população. É possível ver, em primeiro plano, um militar que ataca um homem rendido com cassetete e outro militar atrás de um grande número de moradores, vigiando-os. Esta imagem demonstra o uso de medidas repressoras por intermédio dos militares, aparentando cenário da guerra civil.

O conteúdo da matéria reforça o cenário de guerra na região, cujos militares e cidadãos moradores das favelas entraram em confronto por causa do cumprimento obrigatório das medidas preventivas adotadas pelo governo. Podemos ver nessa publicação, a ideia implícita de guerra civil e falta de controle. A seguinte analogia, por exemplo, não explícita que se trata do combate ao vírus, mas assemelha-se ao enfretamento do tráfico nas favelas ou às situações do recolher obrigatório em tempos da guerra: “na quarta feira, sem que os habitantes tivessem sido avisados, West point amanheceu cercada por tapumes e arame farpado. Quem tentou sair foi impedido a tiros, cassetes e bombas de gás lacrimogênio” (matéria Libéria trata o Ebola à bala).

De acordo com Bauer (2013), usamos imagens, ícones e figuras para objetivar ideias em nossas trocas sociais enquanto que o emprego de metáforas favorece a familiarização com o estranho e não-familiar. Os meios de comunicação de massa utilizam frequentemente metáforas na divulgação de informações científicas. Ao mesmo tempo em que populariza, a metáfora constrói um sentido à complexa noção de risco. Elas são "constituintes básicos para incorporação de novas informações" (Liakopoulos, 2002, p. 8). No caso da ebola, o risco é construído favorecendo a ideia do outro como “poluente”, sendo por isso representado como uma possível ameaça.

### ***Uma concepção de alteridade radical***

A imagem do infectado como inimigo e ameaçador a ser evitado se faz presente, por exemplo, na matéria “O vírus do Pânico”. A fotografia da capa desta publicação mostra uma manifestação em frente à Casa Branca, na qual um norte-americano segura um cartaz que diz “Stop the flights!” (Parem os voos) vestido de máscara e roupas protetoras.

Parece que o outro, neste caso o africano, é reduzido ao estranho, desconhecido e ameaçador, atribuindo-lhe unicamente aspectos negativos, o que vai ao encontro do que Jodelet (2005) chama de alteridade radical. O momento em que a ebola estava saindo das fronteiras africanas para se internacionalizar gerou enorme desconforto nas principais potências ocidentais que até então colocavam a doença como problema unicamente africano. As matérias reforçam o sentimento de pânico do contágio através do possível contato com pessoas “poluídas”, originárias de um continente tido também como “poluído”. Observamos este fenômeno na matéria “O maior surto do vírus mais mortal” no seguinte trecho:

*O Ebola chegara à capital mais populosa da África, com 21 milhões de habitantes. A partir deste momento, em decisões isoladas, os Estados Unidos e o México recomendaram que sejam evitadas as viagens aos países afetados pela epidemia. A Arábia Saudita suspendeu a emissão de vistos para muçulmanos provenientes da Guiné e da Libéria para a peregrinação a Meca (matéria O maior surto do vírus mais mortal).*

Os períodos da ameaça provocam estratégias defensivas que se destinam a conter as ansiedades e medo no interior e exterior do grupo de pertença. Assim, a representação do outro como inferior e ameaçador aumenta em tempos de ameaça e potencial crise, principalmente quando esse outro é proveniente de um continente problemático e

pejorativamente tratado como “retrógrado”, como a África. Dito de outra forma, em tempos de crise, a ansiedade se eleva e as qualidades indesejáveis são fortemente ligadas aos outros inferiorizados, tidos como responsáveis pela situação (Joffe, 2005).

Ora, as diferenças de poder são importantes para pensarmos a força das representações, pois os grupos dominantes exercem o poder de controle das representações a partir do momento em que certas representações se difundem com maiores vantagens no mundo inteiro, impondo silêncio aos outros (Joffe, 2005).

O outro pode ser tratado como degradado com vista a controlar o medo e a ansiedade, criando inclusive bodes expiatórios. O outro como potencial ameaça tem a ver com a ideia de vê-lo como um risco à ordem estabelecida no grupo. Essa forma de lidar com a crise não acontece somente de nações poderosas para as nações menos poderosas ou vice-versa, mas também, nações menos poderosas entre si, conforme vimos do Brasil com relação à África nesse estudo. O processo de degradar o outro perante a crise é o que Joffe (2002, 2005) denomina de “coquetel de pecado”.

É comum o uso das estratégias defensivas de distanciamento e projeção no exogrupo (o africano), conforme vimos nas publicações da revista *Veja*, colocando-se a ameaça do vírus do Ebola como longínquo para a sociedade brasileira e outras nações ocidentais, podendo se transformar em catástrofe só no continente africano, um continente negativamente tratado como “berço” do ebola e das grandes epidemias.

### ***Um risco distanciado***

Essa ideia do distanciamento aparece nas matérias que se seguem, colocando a África, principalmente, e a Ásia, como lugares propícios onde o vírus do Ebola se dissemina. Fora desses dois contextos, a ebola aparece com pouca chance de ser um problema no ocidente. Em “Vírus do pânico”, encontramos as seguintes afirmações: “pode-se dizer a respeito da chegada do Ebola nos Estados Unidos e à Europa, que a disseminação do vírus está relativamente controlada. Não há perigo da epidemia como já ocorre na região ocidental da África”; “teme-se a chegada do vírus à China e a Índia, países de imensa população e minúsculo sistema de saúde”. A propósito, Sontag (2012) considera que a tendência de atrelar às nações mais pobres as doenças e outras mazelas sociais que afligem o ocidente é secular, uma vez que este se coloca na posição do privilegiado.

A matéria, por exemplo, “Libéria trata ebola à *bala*” mostra um cenário catastrófico e centrado em uma inoperância da máquina pública, como aponta o seguinte trecho da matéria: “o confronto, na semana passada entre o exército da Libéria e os moradores de West Point, a maior e mais pobre favela de Monróvia, revelou o despreparo das autoridades locais para enfrentar o Ebola”. Em “O medo chegou”, o Ebola aparece sendo apresentado como de origem africana e cada vez mais distante do Brasil: “a suspeita de um caso de ebola no Brasil provocou pavor exagerado- o risco de disseminação é pequeno”.

Nesse sentido, apesar da projeção catastrófica da doença e por estar no centro da cobertura jornalística, a África continua sendo colocada como solitária quando se fala do Ebola. O cenário catastrófico seria o africano, pois neste lugar “falta tudo” e, por isso, oferece as condições para que se dissemine a doença, isto é, há uma ênfase no discurso da precariedade do continente e do descaso do governo como as causas principais da doença. O Brasil é, portanto, colocado como lugar onde existe pouca chance de ocorrer um surto.

Vimos isso nos seguintes trechos: “a probabilidade de o Ebola alastrar-se fora do continente africano é considerada remota” (matéria O maior surto do vírus mais mortal); “O vírus só é agente da destruição em massa na África, onde encontrou condições ideais para a sua disseminação” (matéria “O maior surto do vírus mais mortal”).

As matérias se aproximam dos achados de Joffe (2005), com relação às doenças distantes, ao relacionar o Ebola com a falta de estrutura como um agravante no continente africano. Ressaltamos que o olhar com relação ao Ebola traz uma visão de um continente generalizado, com ênfase nos dados epidemiológicos, esquecendo as dimensões humanas e a experiência oeste africana de lidar com as enfermidades conforme nos aponta Sylvain Landry Faye em uma entrevista publicada na revista *Rapprocher la Science et développement* em 31/10/2014. Trata-se de um olhar sempre ocidental e externo ao continente. As matérias associam a doença a atos culturais, deixando implícito a ideia do contato do africano com macaco como uma das causas da fácil propagação do vírus, e assim, constrói-se uma infra-humanização com relação aos africanos, abrindo espaço para preconceito racial.

### ***Infra-humanização do africano***

À luz da teoria das representações sociais, dois conceitos são importantes para o debate sobre a raça nesse trabalho: a ancoragem e a sociogênese. Através da ancoragem, o racismo se assenta na noção do humano, sendo determinados grupos tidos como mais humanos que outros, de forma que alguns grupos têm o privilégio de terem realçadas suas condições humanas, enquanto outros são desacreditados. A sociogênese do racismo se assenta na dicotomia natureza-cultura e civilização-primitividade, em que determinadas condições genéticas são tratadas como erro ou degeneração e por isso impossível de serem revertidas. Por outro lado, sutilmente o racismo pode se manifestar através da ideia de compaixão, baseada nos sentimentos de piedade com relação à raça ou etnia tida como infeliz, inferior, sofredora (Vala, 2013). Essa ideia da manifestação sutil do racismo através da compaixão é bem visível quando nos deparamos com doenças nos países pobres, como ebola na África, por exemplo.

A infra-humanização, por sua vez, consiste na extrema desumanização na qual aos membros do exogrupo são negadas as suas condições humanas. Ou seja, uma forma de discriminação na qual os membros do exogrupo são tidos como menos humanos que os membros do endogrupo. Na infra-humanização buscam-se mais as diferenças do que semelhanças para justificar a imagem idealizada do grupo pertencente, tratando negativamente o exogrupo. Preza-se pela proteção do endogrupo através da defesa ofensiva de seus membros contra o exogrupo, colocando-se na condição de superioridade com relação aos outros grupos e categorias sociais (Demoulin et al., 2005).

O debate que propomos sobre raça à luz da Teoria das Representações Sociais, pode ser melhor compreendido se olharmos para a publicação “Rápido e letal”, por exemplo. Esta traz a contaminação do Ebola associada aos animais em forma de uma árvore genealógica, indo do morcego para macaco e deste para o homem: “acredita-se que o hospedeiro natural do Ebola seja o morcego, do tipo que se alimenta de frutas. Ele transmite o vírus, sobretudo a macacos, e a contaminação humana se dá pelo contato com estes animais”. A cultura africana foi igualmente subestimada e desvalorizada no seguinte trecho desta matéria: “Na África, crenças e hábitos religiosos aceleram o processo de transmissão”. A concepção da transmissão ligada hipoteticamente ao contato ou consumo da carne do macaco pelos

africanos, bem como estranheza das crenças e hábitos religiosos, podem expressar e/ou induzir comportamentos discriminatórios, atitudes racistas, estigma e xenofobia com relação aos africanos no mundo. É importante ressaltar que a aids e a ebola, são tidas como doenças de origem africana, proveniente do contato “exótico” e “estranho” dos africanos com o macaco. Vimos em Vala (2013), a partir da noção de hetero-etnização, que as diferenças culturais podem ser assim realçadas de forma a inferiorizar o exogrupo.

Percebe-se nesse último surto da ebola a proporção alarmante que as crises provenientes no continente africano assumem na mídia brasileira. As projeções da doença pela revista foram muito pessimistas, chegando a ponto do Ebola ser projetado como possível destruidor em massa, contudo somente na África, como se fosse o único lugar onde morrem pessoas de doença, supostamente onde reina o “caos total”.

A mídia potencializa os riscos até então ignorados ou desconhecidos em um “pânico generalizado”, ao mesmo tempo em que o distanciado Brasil. Essa aparente ambivalência revela assim a construção de uma alteridade radicalizada, um “nós” e um “eles”, sendo “eles” o estranho, o poluente. Há o contínuo estranhamento e tratamento essencialmente negativo da cultura africana, vista enquanto conjunto de valores culturais que favorecem a disseminação do vírus do Ebola, neste caso, o contato do sujeito africano com macaco e as suas crenças ou manifestações religiosas.

Embora circunscrito a uma revista apenas, o conjunto de observações que foi produzido aponta para uma forma de construção social do risco que enseja elementos alteritários, podendo fomentar ou exacerbar preconceito e discriminação contra pessoas de origem africana. Estudos mais abrangentes devem ser realizados e é nessa pista que se concentram nossos estudos futuros.

## Referências

- Bauer, M.W. (2012). Enfoques analíticos para texto, imagem e som. In: G. Gaskell & M. W. Bauer (Eds). *Pesquisa Qualitativa com Texto Imagem e Som* (pp. 189-217). Petrópolis: Vozes.
- Bauer, M. (2013). A popularização da ciência como imunização cultural: a função das representações sociais. In S. Jovchelovitch & P. Guareschi (Eds.). *Textos em representações sociais* (pp. 183–208). Petrópolis: Vozes.
- Beck, U. (2011). *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. Editora 34.
- Demoulin, S., Leyens, J. P., Vaes, J., Paladino, P. M. & Cortes, B. P. (2005). Lescas de l’infra-humanization. In: M. S. Mazas & L. Licata, (Eds). *L’Autre Regards Psychosociaux* (pp.73-93). Grenoble : Presses Universitaires de Grenoble.
- Ferro, R. (2012). O negro sem cor no telejornalismo brasileiro. In: R. C. S. Borges & R. Borges (Eds). *Coleção Negras e Negros: Pesquisas e Debates. Mídia e racismo* (pp. 64-83). Petrópolis: ABPN.
- Herzlich, C. & Pierret, J. (2005). Uma doença no espaço público: a Aids em seis jornais franceses. *PHYSIS, Revista. Saúde Coletiva*, 14(2), 383–394. doi: 10.1590/S0103-73311992000100001.
- Jodelet, D. (2002). A alteridade como produto e processo psicossocial. In: A. Arruda (Ed.). *Representando Alteridade* (pp. 47-67). Petrópolis: Vozes.
- Jodelet, D.(2005). Formes et figures de l’altérité.In: M .S.Mazas & L. Licata (Eds). *L’Autre Regards Psychosociaux* (pp. 23-47).Grenoble : Presses Universitaires de Grenoble.

- Joffe, H., & Haarhoff, G. (2002). Representations of far-flung illnesses: the case of Ebola in Britain. *Social Science & Medicine*, 54(6), 955–969. Recuperado de: <http://www.elsevier.com/locate/socscimed>
- Joffe, H. (2005). «L'autre » et la construction identitaire : entre dynamiques psyques e dynamiques sociales. In: M.S. Mazas & L. Licata (Eds). *L'Autre Regards Psychosociaux* (pp. 95-116). Presses Universitaires de Grenoble.
- Joffe, H. (2005). De la perception à la représentation du risque: le rôle des médias. *Hermès, La Revue*, 41(1), 121–129. Recuperado de: [http://www.cairn.info/resume.php?ID\\_ARTICLE=HERM\\_041\\_0121](http://www.cairn.info/resume.php?ID_ARTICLE=HERM_041_0121).
- Jovchelovitch, S. (2002). Re(des)cobrimdo o outro-para um entendimento da alteridade da teoria das representações sociais. In: A. Arruda (Org.). *Representando a Alteridade* (pp. 69-82). Petrópolis: Vozes.
- Liakopoulos, M. (2002). Pandora's box orpanacea? Using metaphors to create the public representations of biotechnology. *Public Understanding of Science*, 11(1), 5–32.
- Müller, T. M. P. (2012). Negras e negros: pesquisas e debates. In: R. C. S. Borges & R. Borges (Eds). *Coleção Negras e negros: Pesquisas e debates*. (Eds.). *Mídia e racismo* (pp. 5-20). Petrópolis: ABPN.
- Oliva, A. (2005). Os africanos entre representações: viagens reveladoras, olhares imprecisos e a invenção da África no imaginário Ocidental. *Em Tempo de Histórias*, (09), 90-114. Recuperado de: <http://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/viewArticle/2646>.
- Rodrigues, J. (2012). Reflexões sobre tráfico de africanos, doenças e relações raciais. *História e Perspectivas*, 25(47), 15-34. Recuperado de: <http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/21261>.
- Simoneau, A. S., & de Oliveira, D. C. (2014). Representações sociais e meios de comunicação: produção do conhecimento científico em periódicos brasileiros *Psicologia e Saber Social*, 3(2), 281–300. Recuperado de: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/.../1095>.
- Sodré, M. (1998). Sobre a imprensa negra. *Facom*, 1(1), 23-32. Recuperado de: [https://leccufrj.files.wordpress.com/2008/10/sodre-muniz\\_sobre-a-im\\_prensa-negra.pdf](https://leccufrj.files.wordpress.com/2008/10/sodre-muniz_sobre-a-im_prensa-negra.pdf).
- Sontag, S. (2012). *Doença como metáfora/AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras (Texto original publicado em 1978).
- Vala, J. (2013). Racisms: Social representations, racial prejudice and normative pressures. *Papers on Social Representations*, 22, 6–1. Recuperado de: [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/9834/1/ICS\\_JVala\\_Racisms\\_ARI.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/9834/1/ICS_JVala_Racisms_ARI.pdf).

Apresentação: 28/06/2016

Aprovação: 28/05/2017